

industrial do trabalho, surgiu a moderna atividade de projeto de produtos, surgiu o design industrial. Já não eram os artesãos que produziam a maioria dos objetos e lhes davam forma”.

O autor ainda destaca que, como resultado desta mudança, os empresários donos de manufaturas ou fábricas “[...] encarregavam os então denominados “projetistas” ou “fazedores de amostras” – também chamados de “desenhistas” ou “modeladores” – de desenvolverem os produtos que depois seriam produzidos pelas máquinas”. A formação destes profissionais ocorria em parte nas escolas de desenho ou de arte, ou os mesmos obtinham seus juízos de gosto no entorno das academias de arte. Aproximadamente em 1800, o trabalho de projetista tornou-se então uma profissão independente e, por volta de 1850, o termo “designer” já era utilizado para fazer referência a este profissional. Como Cardoso [6] reflete:

“Entre 1850 e 1930 aproximadamente três gerações de novos profissionais – alguns já apelidados de “designers” – dedicaram seus esforços à imensa tarefa de conformar a estrutura e a aparência dos artefatos de modo que ficassem mais atraentes e eficientes. Sua meta era nada menos que reconfigurar o mundo com conforto e bem estar para todos”.

À medida que a mecanização da produção se estabelecia, a categoria incipiente dos designers foi se constituindo como profissional, e o valor monetário do projeto se tornava mais explícito. Em pouco tempo, os empresários da indústria perceberam que o custo envolvido na criação de um padrão ou o modelo de base – ou mesmo a compra de tal padrão/modelo de um designer independente – era único e sua possibilidade de reprodução ilimitada, o que também garantia às empresas grande lucratividade. De acordo com Vieira [7], entre o final do século XIX e início do século XX, muitas das marcas atualmente conhecidas já haviam sido lançadas e contavam com inúmeras patentes como fabricantes de peças, motores e mesmo automóveis, entre elas a Peugeot, Rolls-Royce, Bugatti, Renault, Fiat, Ford e Mercedes.

Os primeiros projetos de veículos não envolviam um profissional desenhista industrial

dedicado ao design do carro. Em geral estavam envolvidos no projeto, além de engenheiros e do empresário fabricante, os próprios trabalhadores das empresas montadoras – ou prestadores de serviço de oficinas autônomas – com amplo conhecimento técnico formado a partir da prática adquirida no dia-a-dia da fabricação de peças e componentes para o carro. Tais trabalhadores conheciam em detalhes os princípios de mecânica e os materiais com que trabalhavam. Nos salões de empresas montadoras os veículos eram produzidos de maneira personalizada objetivando atender ao gosto dos clientes. Sob a supervisão dos engenheiros, os montadores encaixavam as peças fornecidas de maneira artesanal, ajustando suas medidas, buscando assim alinhar cada peça na composição do veículo como um todo.

Os anos que seguiram verificaram a maturidade crescente da produção industrial, a produção de novos maquinários e otimização de processos produtivos para a fabricação de produtos em geral e também do automóvel.

Em verdade, foi após a disseminação das técnicas de produção em massa e do consequente aumento do consumo, que a forte concorrência entre as empresas – incluídas as fabricantes de automóveis – forçou melhorias na produção e no projeto, trazendo como consequência a especialização dos profissionais envolvidos, favorecendo a formação do profissional designer, como Schneider [5] complementa: “Com a crescente pressão da concorrência, por exemplo, no setor automobilístico, o design tornou-se um fator importante para a diferenciação dos concorrentes no mercado”.

No decorrer do século XX, notadamente o período entre e pós-Guerras, o que se presenciou foi uma ampla gama de invenções ou novas aplicações para as tecnologias disponíveis. Neste cenário, também a especialização da mão-de-obra consolidou o papel do profissional projetista ou designer também nas empresas fabricantes de automóveis, os quais eram responsáveis por produzir a interface entre as aplicações das tecnologias, a indústria e os consumidores. A profissão de designer teve grande impulso no início da crise econômica mundial que resultou na recessão de 1929, uma vez que os fabricantes